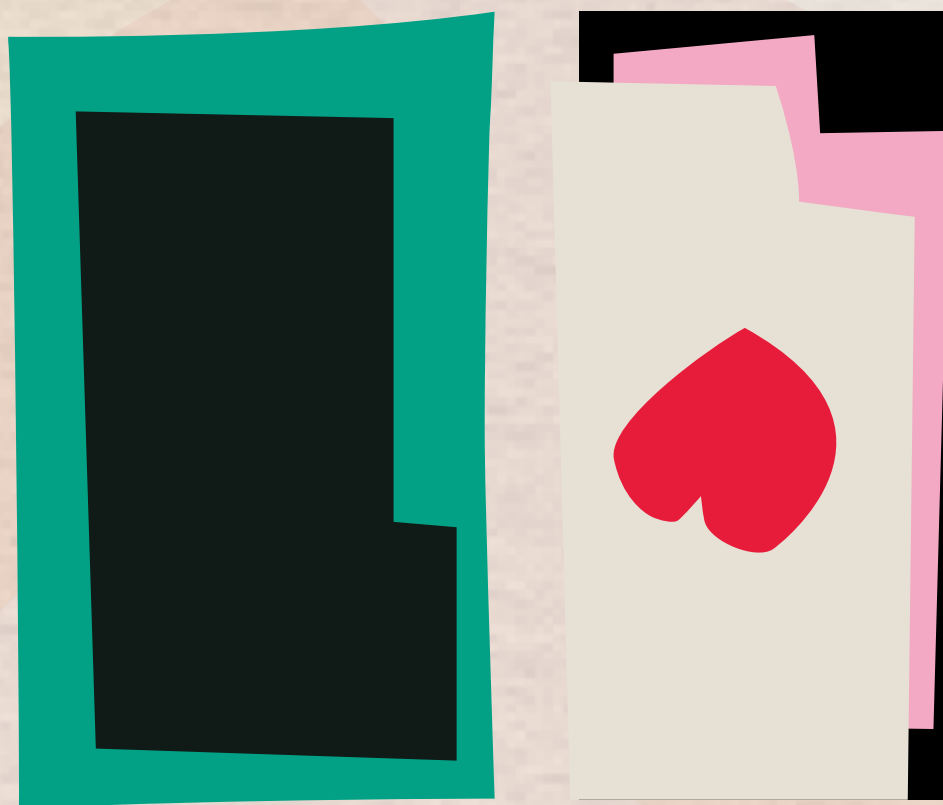


XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO



BOLETIM
CARTAS DE AMOR

#05

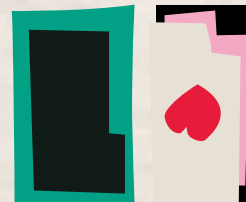


*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo



SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 4 DITOS DE AMOR
- 15 MATCH POINT
- 18 O AMOR ESTÁ NO AR
- 22 CORREIO ELEGANTE
- 25 AMAR É...



EDITORIAL

Francisco Durante

Associado ao CLIN-a

Participante da Comissão de Boletim das
XIII Jornadas da EBP-SP

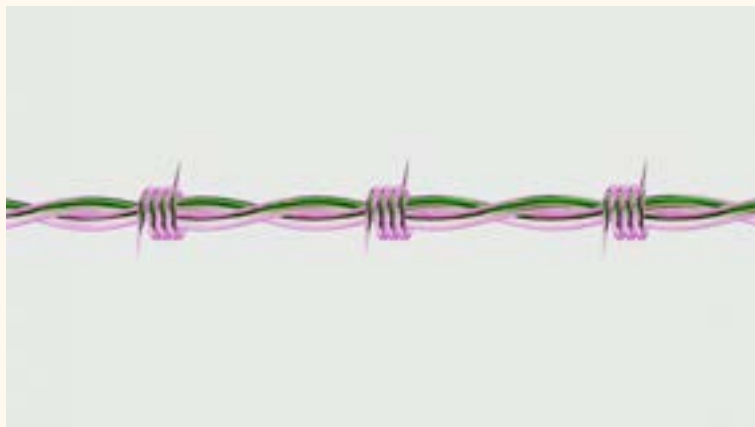


IMAGEM: LOGAN VOSS – UNSPLASH.COM

Quinta edição... e o tema amor não cessa de não se escrever! Nesta edição do boletim Cartas de Amor, que compõe a série de boletins que anunciam as XIII Jornadas da EBP-SP, convidamos os leitores a percorrerem as produções de colegas de nossa comunidade analítica de orientação lacaniana.

Na rubrica Ditos de Amor, a abertura é com Araceli Fuentes. Sem Spoiler! É preciso ler o que ela escreve acerca d'A Mulher, do gozo feminino e do amor.

Fabiola Ramon nos brinda com uma interessante articulação entre as parcerias contemporâneas dos adolescentes, com particular atenção à adição em jogos virtuais, e a fixidez de Um gozo que itera. Os jogos virtuais estão presentes. Mas e os jogos de amor?

Luis Fernando Carrijo da Cunha, em seu texto “O amor como meio...”, nos instiga a refletir sobre o estatuto do amor e sua articulação que toca os três registros – Real, Simbólico e Imaginário.

Em Match Point, com Andressa Luz, Clarisa Carvalho e Gustavo Menezes, representantes da Comissão de Referências Bibliográficas, encontraremos os verbetes que nos orientam para a preparação das Jornadas, um ponto de partida para pensarmos o amor, os jogos e suas parcerias atuais.

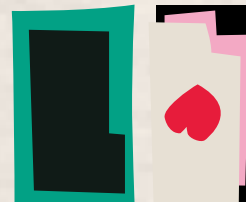
Na rubrica O Amor está no Ar, Gabriela Malvezzi do Amaral e Niraldo de Oliveira Santos não poderiam ser mais atuais e nos fazem refletir acerca da parceria artista – máquina, em um jogo de partilha em que o gozo do Um não fica de fora. Ou fica?

Ainda no ar, o amor. Claudio Ivan Bezerra, com o texto “O amor contemporâneo no cinema”, nos apresenta a atualidade das parcerias amorosas e seus modos de gozo, a partir do filme A pior pessoa do mundo, do cineasta norueguês Joachim Trier.

Em Correio Elegante, Jeferson Nascimento anuncia um (im)provável (des)encontro entre Lacan, Rita Lee e Criolo. Imaginem só! Ou a dois, ou a três... assim como no amor, é preciso tapear-se.

E Amar é... a rubrica que não poderia faltar!

Boa leitura!



DITOS DE AMOR

A propósito de uma clínica psicanalítica da discórdia: uma clínica da feminilidade¹

Araceli Fuentes

AME da ELP/AMP

A maçã da discórdia foi mordida pelo vírus da linguagem que faz com que a sexualidade humana só possa ser sintomática.

A discórdia entre os sexos não se estabelece unicamente em relação a função da castração, função fálica que a linguagem introduz, mas também em relação a um real do gozo sexual que está mais além do falo, o gozo feminino.

Um certo homem que gosta de comodidade se dirige ao analista porque está farto literal e metaforicamente de sua ex-mulher. Ela tenta por diversos meios que ele não veja seus filhos tanto quanto gostaria, e tenta arrancar-lhe dinheiro com uma persistência ardilosa. Definitivamente ela é um sintoma para ele, um sintoma do qual não consegue se desvencilhar e de que, tampouco, parece querer se desvencilhar, o que descobre em análise. Ele tem como certo que não terá outra mulher, ainda que tenha devaneios com outras.

Uma mulher que, separada do homem com quem havia convivido por muitos anos, ao saber que ele estava com outra, começa a sentir uma raiva e um ódio que a ultrapassava e que não podia suportar. Este sintoma é a ocasião para ela aceitar falar e querer saber o que fez de sua vida. Ela se apresenta como uma mulher amarga, exibindo sua amargura. A analista intervém: amar...ga! fazendo ressoar o amor que há na amargura. Assim começa sua análise.

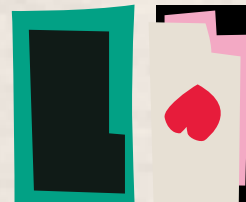
Como a clínica psicanalítica aborda os sintomas que suprem a impossibilidade de escrever a relação entre os sexos que complicam nossa existência?



IMAGEM: GRAFITTI- PIXABAY.COM

¹ Texto originalmente publicado no Boletim das XVIII Jornadas de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis – La discordia entre los sexos a la luz del psicoanálisis, novembro de 2019. A tradução para o português e sua publicação foram gentilmente autorizadas pela autora. Disponível em: <https://discordia.jornadaselp.com/a-proposito-de-una-clinica-psicoanalitica-de-la-discordia/>

CARTAS DE AMOR



A psicanálise é uma experiência que não possui outro meio senão a palavra, mas por sua vez a palavra também possui efeitos de escrita, o que se decifra na palavra sob transferência tem efeitos de escrita, efeitos que permitem bordejar um real da experiência.

Na experiência analítica, distinguimos o real do sintoma-acontecimento de corpo articulado ao inconsciente real - lalíngua, de outro real que diz respeito ao gozo sexual feminino, que como Lacan o situa nas fórmulas da sexuação no Seminário Mais, *ainda*², é um gozo real que não pode ser nomeado e do qual o inconsciente não sabe nada. Daí Lacan dizer que o inconsciente é *hommosexuel*, com dois “m”, que o inconsciente apenas conhece o mesmo, apenas conhece o gozo do Um e nada sabe sobre o Outro gozo.

Como homens e mulheres enfrentam o encontro com este real do sexo feminino?

Os sintomas produzidos pela impossibilidade de escrever a relação entre os sexos não são, em última instância, respostas a uma dificuldade compartilhada por homens e mulheres de suportar esse gozo que não pode ser nomeado e está mais além do gozo fálico?

Como a psicanálise trata as defesas contra esse Outro gozo, defesas entre as quais o fantasma ocupa um lugar fundamental?

Defesas que estão à serviço de recusar o gozo que a feminilidade resguarda dando toda sua potência lógica ao não-todo. Um gozo que por suas características produz horror, ao mesmo tempo que faz do Outro sexo que as mulheres encaram uma alteridade radical, o *héteros* por excelência.

Pretender reduzir o Outro sexo a um “segundo sexo” como fez Simone de Beauvoir em seu célebre livro de mesmo nome³ implica ignorar, não querer saber nada sobre essa heterogeneidade própria do gozo feminino que escapa ao gozo fálico e as comparações que este promove.

Falar do gozo feminino é falar de um real que não se inscreve no inconsciente. Algumas mulheres, não todas, dizem que o experimentam, as acomete às vezes, não sempre e não a todas. Mas, por mais que insistamos sobre esse gozo, elas nada podem dizer, o que é lógico pois ele está excluído do saber.

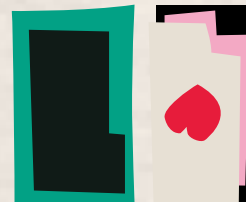
Ao final de *Análise terminável e interminável*⁴ Freud considera o repúdio à feminilidade, que se manifesta como o “desejo de pênis” nas mulheres e como “reivindicação viril” nos homens, definitivamente como a “rocha viva” com a qual as análises tropeçam.

2 LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 91. N.T.: na versão brasileira do seminário a palavra homossexual não foi transcrita com dois “m”, como na versão francesa.

3 BEAUVOIR, S. O Segundo sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

4 FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Companhia das Letras, 2018.

CARTAS DE AMOR



Lacan elabora esta recusa de outro modo, não a partir do falo e da castração, mas a partir do Outro gozo. Situar as coisas no terreno do gozo, dos gozos, permite a Lacan falar em rechaço da feminilidade de um modo mais radical que Freud o fez.

O verdadeiro rechaço à feminilidade vai mais longe que o rechaço à falta fálica. O horror ao feminino é um horror que não é simplesmente um rechaço, um não querer saber nada da falta, mas é um horror que implica também não poder suportar a existência de um gozo que está além do gozo sexual fálico e do qual nada se pode dizer.

Deste horror participam tanto homens como mulheres, para ambos o feminino é difícil de suportar. Lacan situa neste gozo que nos produz horror a origem do racismo anti-mulher, um racismo que se dirige àquilo que escapa à medida fálica masculina.

Alguns casos da chamada “violência de gênero” podem ser pensados a partir daqui. A querela das feministas em sua reivindicação por igualdade também não se resolve se não levarmos em conta o horror à feminilidade.

Chamamos clínica psicanalítica da feminilidade o tratamento de tudo aquilo que, como resultado desse rechaço, tenta apagar, ignorar, a existência do Outro gozo, fazendo existir A Mulher como um universal, situando-a na mesma lógica na qual se situa o homem, a do todo e da exceção. Esta clínica é uma clínica que busca fazer desconsistir o todo, para que se abra à lógica do não-todo na qual Lacan situa as mulheres e os analistas.

Partindo de uma premissa negativa enunciada por Lacan: a mulher não existe⁵, premissa correlativa ao “não há relação sexual”, só é possível falar das mulheres no plural, uma por uma, o que faz de cada uma, uma diferença e uma singularidade incomparável com qualquer outra. Ofende-se uma mulher, quando tentam compará-la a outra.

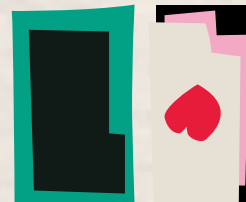
Se por ser não-toda na função fálica, A Mulher com maiúscula não pode se escrever, e, portanto, não pode constituir-se no Outro do Um, então, onde está a mulher? Pergunta que Lacan faz em ...ou pior. Sua resposta: a mulher está entre o centro da “função fálica de que ela participa[...] no amor [...] e ausência”⁶.

Este gozo da ausência não é a solidão que algumas mulheres escolhem, é uma ausência de si mesma que as introduzem na lógica do não-todo e não é fácil de suportar. O encontro com esse Outro gozo que não a identifica como mulher, ao mesmo tempo que a ultrapassa, pode levar uma mulher

5 LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 98-99.

6 LACAN, J. (1971-1972). O Seminário, Livro 19: ...ou pior. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 117. N.T.: Na versão em português temos: “função fálica de que ela participa singularmente, posto que ao menos um que é seu parceiro no amor renuncia a tal função por ela, esse ao menos um que ela encontra no estado de ser apenas pura existência, [...] [e] ausência [...]”.

CARTAS DE AMOR



a buscar no amor uma amarração fálica, mas se faz desse amor um amor absoluto o que a espera é a devastação, a outra face do amor, sua face de gozo, com a devastação ela tentará escrever a relação sexual que não pode se escrever e fazer existir A mulher que não existe. O arrebatamento e a devastação são duas coisas diferentes, o primeiro é efeito do encontro com esse Outro gozo, o segundo é uma defesa contra ele.

Outra modalidade de rechaço à feminilidade muito atual consiste em situar-se de todo na lógica fálica, nesta aspiração de algumas mulheres de hoje elas padecem das mesmas angústias que os homens, as angústias ligadas ao ter e ao poder.

A análise pode permitir a uma mulher ter uma relação com a ausência própria ao gozo feminino. Ao final de sua análise, Benedicte Julian⁷ dá testemunho disso em seu texto: “Esperar a ausência”. Essa ausência que é, ao mesmo tempo, presença do Outro gozo, faz dela Outra para si mesma, gozo que afeta seu corpo em sua totalidade e não se confunde com “o nada” da pulsão oral com a qual ela fizera existir uma versão d’A Mulher que não existe em seu fantasma, que uma vez atravessado a permitiu confrontar-se com a inexistência do Outro, com a inexistência d’A Mulher, aceitando essa ausência da qual ela goza na lógica do não-todo.

As dificuldades de uma mulher com sua feminilidade podem tomar formas diversas, muitas delas sintomáticas, mas há outra forma de dificuldade que é estrutural e concerne ao fantasma como defesa fundamental frente ao real.

Na experiência de uma análise é necessário o atravessamento do fantasma para que a relação com a ausência da qual falamos possa surgir. Enquanto isto não ocorre, uma mulher desmente a inexistência d’A Mulher, acreditando saber o que é uma mulher a partir do mais-de-gozar fantasmático. É o que acontece com Dora e com qualquer histérica quando cai no impasse ontológico que seu fantasma propõe: construindo uma ficção d’A Mulher a partir da pulsão, ela cai em um impasse ontológico porque não é pela via de seu ser pulsional que ela pode acessar a heterogeneidade do gozo próprio ao feminino, uma vez que este gozo se situa do lado da existência e não do ser.

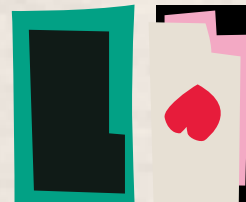
Dora fazia existir A Mulher que não existe a partir da pulsão oral prevalente em seu fantasma e em seu sintoma, deste modo sua pergunta pela mulher permanece aberta sem que ela consentisse em ser a mulher de um homem, lugar que deixava a outra, a Sra. K., razão pela qual Lacan em “Intervenção sobre a transferência”⁸ diz que Dora não conseguiu separar a mulher de um primitivo desejo oral.

Uma psicanálise pode permitir a uma mulher sair da devastação, vencer seu rechaço à feminilidade esvaziando as ilusões fantasmáticas que a impõem uma versão da feminilidade incompatível

7 JULIAN, B. *Attendre l’absent*, La cause du désir, n° 98.

8 LACAN, J. (1951). *Intervenção sobre a transferência*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CARTAS DE AMOR



com ela e ao mesmo tempo condescender à inexistência do Outro e, como disse Esthela Solano em seu artigo “A mulher sinthome”⁹, uma análise possibilita que uma mulher aceite que não haja nada, nenhum *partenaire*, marido, filho ou escabelo que possa vir a salvá-la de sua solidão real que faz dela “outra para si mesma”, neste espaço onde ela se perde, onde ela se cala.

Por outro lado, a questão da feminilidade não é somente um assunto de mulheres, também concerne aos homens, ainda mais se eles são analistas.

Que um homem possa e queira saber, através de sua análise, algo sobre a questão feminina acedendo a uma dimensão que normalmente está velada pela função que cumpre o fetiche em sua sexualidade, muda completamente sua relação com as mulheres ao permitir-lhe perceber o heterogêneo que há nelas, a diferença radical de sua maneira de gozar.

Um homem, ainda mais se se trata de um analista, não pode ignorar a questão que o gozo feminino o coloca ao introduzi-lo em outra lógica. Alguns analistas homens deram testemunho disso. No livro de Patrick Monribot, *Recorridos*¹⁰ ele se pergunta sobre o amor depois do passe, a partir de uma posição masculina citando Lacan, que na lição do dia 12 de fevereiro de 1974, em *Os não tolos erram*, diz o seguinte: “para o homem, o amor, é algo evidente... porque para ele é suficiente seu gozo e, no entanto, é exatamente por isso que ele não entende nada”¹¹.

A questão de fundo é: como conceber um amor que não faça brilhar a relação sexual, isto é, que leve em consideração a não relação e não faça existir A Mulher que não existe?

O fantasma ligado ao desmentido promete uma recuperação enganosa do gozo. Aí reina o amor edípico, regulado pelas exigências fálicas, na plena consistência do Outro sem barra.

Como um homem abandona o Édipo? Freud responde: pela castração. No entanto, segundo Lacan no Seminário *Mais, ainda*, para um homem não há mais mulher que *quoad matrem*¹², e este “como a mãe” concerne ao sujeito masculino em relação com o mais-de-gozar do fantasma. Mas Lacan vai mais longe uma vez que substitui o sujeito por “ser falante”. Uma vez atravessado o fantasma, o parceiro do ser falante já não é o objeto a, mas o sintoma. Uma mulher passa, então, a ser um sintoma para um homem, um sintoma desacoplado do Outro que implica a invenção que exige o real.

Como um homem encontra uma mulher? - Lacan se pergunta... Resposta: por acaso.

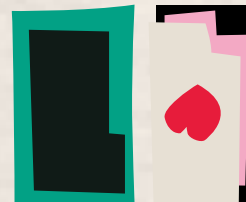
9 SOLANO-SUAREZ, E. *Lacan, les femmes*, Lacanianana: Revista de la Escuela de la Orientación Lacaniana. Buenos Aires: Grama Ediciones. (Trad. livre).

10 MONRIBOT, P. *Recorridos*, La colección de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis, Madrid, 2016. (Trad. livre).

11 LACAN, J. (1973-1974). O Seminário, Livro 21. *Os não tolos erram*. Inédito. Tradução nossa.

12 LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, Livro 20: *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 40.

CARTAS DE AMOR



Aqui se trata da contingência, não se trata de uma descoberta, pois no real não há nada o que descobrir posto que aí há um furo. Não se trata da mulher que se esperava, trata-se de cernir o encontro contingente com uma mulher a partir da invenção que o real exige no sentido em que Lacan o empregou no dia 19 de fevereiro de 1974: “para ver onde está o furo há que ver a borda do real”. E a mulher, justamente, faz furo uma vez que “o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo”¹³, também não diz nada ao homem já que está fora da linguagem. Esta frase do Seminário *Mais, ainda*, implica que uma mulher deve ser construída, é preciso inventá-la e essa invenção está do lado da necessidade¹⁴. Para concluir, Patrick Monribot na página 69 de seu livro dirá: “se trata de demonstrar que essa mulher que se encontrou por acaso passou a ser para esse ser falante homem, um dos nomes do real, um nome que bordejia o real”¹⁵.

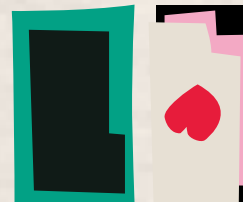
Tradução: Eduardo Vallejos da Rocha

Revisão: Paola Salinas

13 Ibid. p. 14.

14 MONRIBOT, P. *Recorridos*, capítulo “construir una mujer”. La colección de la Escuela lacaniana de psicoanálisis, nº 11. (Trad. livre).

15 Ibid. p. 69.



Jogos virtuais na adolescência: quando a parceria é com o objeto

Fabiola Ramon

Membro da EBP/AMP

A clínica com adolescentes traz pontos que iluminam os tempos atuais e nos colocam a trabalho. Um desses pontos é a prática do jogo virtual (videogame, jogos de apostas, etc.) e o aumento contínuo da adição desses jogos entre adolescentes.



IMAGEM: COMPUTER- PIXABAY.COM

Uma boa parte desses jovens refuta parcerias que incluam o Outro. Passam horas, solitariamente, gozando com os desafios do jogo virtual.

O jogo, na acepção do título das Jornadas, é um campo potencial de combinatórias entre elementos que, a partir de diferentes articulações, estabelece relações possíveis. Como destacado no argumento das Jornadas, a dinâmica do jogo possui “um conjunto de condições, regras e convenções”, oferecendo “uma boa metáfora para a abordagem psicanalítica do amor”¹.

Nos dados lançados no campo amoroso são muitas as parcerias. No entanto, independentemente das formas de fazê-las, no jogo amoroso não se joga sem o sintoma. Se há sintoma, há também um consentimento com a alteridade.

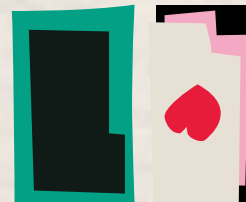
Na adição por jogos virtuais na adolescência o que se passa é exatamente um não consentimento com a alteridade. Trata-se da fixidez do gozo que itera. É sempre mais do mesmo Um.

Miller² destaca que, tanto para Freud quanto para Lacan, o real em jogo na puberdade se apresenta como enigma, e localiza uma pergunta feita por Lacan: qual será o parceiro do sujeito nesse encontro com o Outro corpo enquanto sexuado, já que o parceiro do sujeito é o objeto a? Entendo que nesse ponto está a função da fantasia e do sintoma.

1 GROSTEIN, S. Argumento das XIII Jornadas da EBP-SP. <https://ebp.org.br/sp/jornadas/xiii-jornadas-jogos-do-amor-parcerias-contemporaneas/argumento/>

2 MILLER, J-A. La pulsión es palabra. In: El lenguaje aparato del goce, Colección Diva, Buenos Aires, 2000.

CARTAS DE AMOR



A puberdade pressupõe um encontro com um real que convoca o sujeito a se posicionar frente ao sexual, e o jovem precisará encontrar formas e meios de se localizar na combinatória dos elementos do jogo da diferença sexual, que inclui a dimensão da temporalidade. E quando o sujeito refuta o enigma do sexual?

Cosenza³ esclarece a dificuldade do adolescente contemporâneo em se situar no campo da iniciação sexual. Em um primeiro tempo, apresentando uma dificuldade em fazer existir a relação sexual, fazer existir um Outro do Outro, num mundo que se caracteriza por uma recusa do inconsciente, “condição que não permite ao sexo obter para o sujeito um valor enigmático”. Isso traz prejuízos para que um segundo tempo possa se dar, o dos encontros e parcerias, “esse da iniciação como trauma da inexistência do Outro do Outro”.

No jogo virtual há uma suspensão das temporalidades, o sujeito se agarra ao objeto de um gozo que itera, evitando a emergência do enigma, e conseqüentemente, a dimensão de alteridade do próprio corpo e do corpo do Outro. Assim, fica fora do jogo do amor.

Para se situar no laço social se arranja com o semblante, que abriga formas de identidade que se organizam em fraternidades: *Hardcore Gamers*, *Gamers de eSports*, *Gamers Ocasionais*, *Gamers Medalheiros* etc. Também existem grupos de apoio, os Jogadores Anônimos, “uma irmandade de apoio mútuo e programa de recuperação para jogadores compulsivos”⁴.

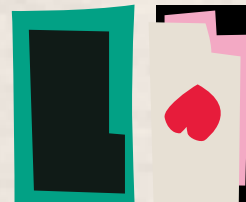
A dimensão de um Outro social ordena (no sentido imperativo e organizador) o adolescente a gozar sem limite, a não se separar do objeto.

A psicanálise pode incidir nesses casos apostando no sintoma. Para isso, é importante fazer funcionar um discurso que inclua a dimensão da temporalidade, que pressupõe, nela mesma, a topologia do corte, e, por meio da transferência, colocar em marcha algo que faça operar uma separação em relação ao objeto. A psicanálise aposta que uma experiência analítica que promova a constituição de um sintoma possa fazer com que o sujeito se lance em jogos que comportam novas e inventivas parcerias.

Uma questão para discutirmos: esse curto-circuito com o objeto do jogo, que exclui a dimensão do amor e do Outro, seria uma forma de rechaçar e criar uma ruptura no Outro ao modo da drogadição, ou uma tentativa de forjar um outro Outro, uma nova forma de alteridade?

3 COSENZA, D. A iniciação na adolescência: entre mito e estrutura. <https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/28/a-iniciacao-na-adolescencia-entre-mito-e-estrutura/>

4 Disponível em: <https://jogadoresanonimos.com.br/>



O amor como meio...

Luiz Fernando Carrijo da Cunha

AME da EBP/AMP

O poeta já dizia: “Qualquer maneira de amor vale a pena...”¹, partiremos do amor como meio, interrogando com Lacan no Seminário 21, *Les noms dûpes errent*, o que condiciona o amor de um homem por uma mulher?



IMAGEM: HEART - PIXABAY.COM

Ele dá as coordenadas lentamente nos conduzindo, através da topologia do nó borromeano, aos possíveis lugares do amor nos registros imaginário, real e simbólico, localizando, neste último a “palavra de amor” que, de modo mais estrito, faz do amor uma abjeção. Onde então localizar o amor nesta tríade? Se cada um dos registros é heterogêneo, mas ao mesmo tempo cumprem sua função de amarração, a estrutura do nó permite que cada um dos elos possa funcionar como “meio”, na medida em que desatamos um os outros dois se soltam, ou seja, a estrutura própria que confere ao nó a propriedade de ser borromeano, supõe uma não prevalência de um sobre o outro. Qualquer um deles pode servir como “meio” de amarração.

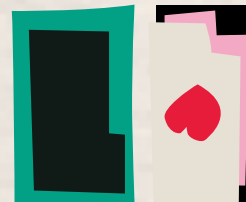
Nesse sentido, já podemos entrever que a palavra de amor que se articula ao simbólico, não funda, dizendo propriamente, o amor verdadeiro. Lacan faz do amor verdadeiro um “dizer”, diferentemente do dito, que provém do real, ou seja, tal como propõe para o sinthoma, o amor advém como um acontecimento produzido na contingência e que implica diretamente o corpo. Logo, o real em sua vertente de impossível, traz também as marcas do amor – condições de amor vinculados à singularidade do sinthoma?

Esse é um ponto que, a meu ver, carece de um aprofundamento pois implica de maneira indireta, o modo de gozo para cada um, ou seja, que as condições de gozo estão ao mesmo tempo vinculadas à escrita do amor assim como fazendo aparecer em seu horizonte o impossível. De todo modo se o amor se ligasse diretamente ao lugar do real, o que se produziria seria um “curto-circuito” com o gozo e não é disso que se trata!

Ora, na medida em que o amor é então produzido pelo dizer a partir da contingência, sua possibilidade de permanência circunscreve a necessidade do terceiro elo, o imaginário.

1 PAULA E BEBETO. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Milton Nascimento e Caetano Veloso. In: MINAS, 1975.

CARTAS DE AMOR



Diz Lacan: “Então, o que nos demonstra o elo do imaginário tomado como meio? Que aquilo que ele suporta é, nada mais nada menos, o que pode ser chamado de amor. O amor, por assim dizer, em seu lugar desde sempre [...]”², mais adiante prossegue: “[...] Aqui, no imaginário tomado como meio, está o fundamento do verdadeiro lugar do amor.”³ Lacan dá toda a importância à função do que ele nomeia como “meio” em se tratando dos três registros e o modo como eles se articulam borromeanamente. “Meio” a ser entendido como elo de ligação, mas também como veículo. Então, o imaginário como meio suportando o amor, faz o enlaçamento entre o real e o simbólico.

Há um dizer que funda o amor na contingência do não-todo; falamos de amor e contamos suas histórias, mas seu veículo enraíza-se no corpo e, nesse sentido, a função do mais-de- gozar está implicada. Por essa razão, a economia do amor está atrelada ao lugar que o mais-de-gozar ocupa na estrutura dos discursos. Isso nos dá a oportunidade de colocar em destaque e de nos interrogarmos sobre o lugar do amor no discurso do mestre contemporâneo assim como as modulações dos sintomas da época.

Nos tempos que correm, como nos lembra Miller: “[...] O discurso do capitalismo comporta uma espécie de curto-circuito, uma conexão entre o pequeno “a” e o sujeito barrado [...] o caminho percorrido pela civilização hoje, mostra que o mais-de-gozar não sustenta apenas a realidade do fantasma, mas que está em vias de sustentar a realidade enquanto tal [...] podendo ser traduzida nos termos de uma realidade tornada fantasma[...]”⁴.

Se a economia do mais-de-gozar sofre essa mutação, a ponto mesmo de definir a realidade como fantasma, dentre outras consequências podemos, a partir da experiência como analistas, constatar que isso afeta diretamente “as coisas do amor” como nos lembra Lacan: “[...] Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor, meus bons amigos. Como vocês veem, não é pouca coisa, certo?”⁵.

Segundo os termos de Lacan nesse mesmo texto, o que causa essa mudança é que o capitalismo “rejeita” a castração – rejeição esta inscrita no matema do discurso do capitalismo indicando a coalescência do objeto mais-de-gozar com o sujeito – Em termos clínicos, digamos que o sujeito do consumo advém, ele mesmo, como objeto consumido onde, justamente, o amor poderia a vir fazer o véu que mantém o objeto na mira, mas distanciado. Isso quer dizer que a função do amor está em causa em nossos dias. Eis aí, portanto, o “meio” que pode faltar para enlaçar o simbólico e o real.

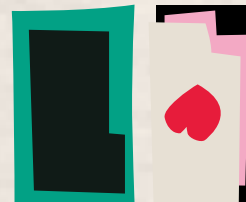
2 LACAN, J. (1973-1974). O Seminário, livro 21: “Les noms dûpes errent”. aula do dia 18 de dezembro de 1973. Inédito. Tradução livre pelo autor.

3 Ibidem.

4 MILLER, J-A. “Jouer la partie”. In: La cause du desir n.105, Navarin ed., p. 28. Tradução livre pelo autor.

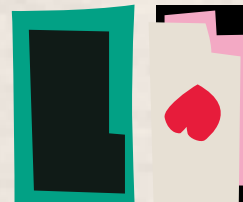
5 LACAN, J. Estou falando com as paredes. Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p.88.

CARTAS DE AMOR



Nesse sentido, Lacan nos adverte que o psicanalista opera nesse mesmo lugar onde o amor se aloja para ligar o real, simbólico e imaginário. Diz Lacan: “[...]. É preciso que a psicanálise saiba que é um meio, e é no lugar do amor que ela se aloja. É com o imaginário do belo que ela terá de se enfrentar para franquear o caminho de um reflorescimento do amor enquanto *amuro*, como disse um dia ao escrever o objeto pequeno “a” entre parênteses seguido da palavra “*muro*”, já que o “*amuro*” é o que o limita.”⁶

6 LACAN, J. (1973-1974). O Seminário, livro 21: “Les noms dûpes errrent”. aula do dia 18 de dezembro de 1973. Inédito. Tradução livre pelo autor.



MATCH POINT

Verbetes

Pela Comissão de Referências Bibliográficas das
XIII Jornadas da EBP-SP

“Em particular, não se sabe quem é o outro, o que ele dirá e o que ele fará. O Outro é barrado pela falta de saber e pela ausência de garantia. Por isso, o que é uma sorte, não se sabe o que se deve fazer com o parceiro, como lidar com ele. Isso não se ensina. Aprende-se, então, devido precisamente à autêntica e franca ‘dobradura’ de seu ser que se produz naquele momento, do que é feito o acaso. Trata-se, de fato, dos jogos do amor e do acaso [hasard].” (Naveau, 2017)



IMAGEM: ROPE-PIXABAY.COM

Por Andressa C. Luz
Associada ao CLIN-a

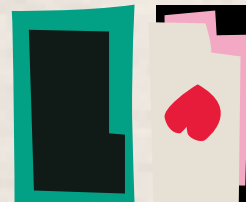
Sorte ou Revés? O que faz de um encontro uma parceria e vice-versa? Nos jogos do amor, se o imprevisível do encontro é uma carta de sorte que dá chance ao improviso, azar é (re)encontrar sempre a mesma fórmula nas coordenadas lógicas das prisões do gozo sem, no entanto, extrair disso um saber. O que se aprende sobre o amor em uma experiência de análise?

Neste trabalho de recolher referências bibliográficas sobre o tema do amor e das parcerias, não apenas em Freud e Lacan, mas também em diversos autores do Campo freudiano, encontrei infinitos escritos recentes sobre uma questão que parece não cessar de produzir enigma. E, aqui, arrisco uma retificação da minha parte: quando se trata de enunciação, não há tema em psicanálise que seja repetitivo. Senti uma alegria ao reencontrar, em um trecho de Pierre Naveau¹, o significante das nossas Jornadas. O que deduzi é que cada um, a seu modo, transmite de modo tão único aquilo que conseguiu extrair de sua experiência, como analisante ou praticante, que mesmo os aforismas mais repetitivos podem ressoar como um sopro de novidade.

O significante “encontro”, para mim, já ressoa diferente. Que sorte!

1 NAVEAU, P. O que do encontro se escreve: estudos lacanianos. Belo Horizonte: EBP, 2017, p. 36.

CARTAS DE AMOR



“[...] o lugar onde o imaginário é mais intenso é entre o homem e a mulher [...]. O homem e a mulher são irreconciliáveis, e é essa tentativa impossível e renovada a cada amor que faz sua grandeza.” (Duras, 1987)

Por Clarissa Carvalho

Participante da comissão de referências bibliográficas

Impressionante a clareza de Marguerite Duras² sobre a proposição de Lacan de que o amor é uma resposta possível diante da relação sexual que não existe. Aparece aqui essa questão do *heteros* entre amor e gozo, feminino e masculino. Lacan estabelece uma diferença de posição na relação entre amor e desejo em homens e mulheres de acordo com sua relação com o falo. Constatando a falta em *ser* o falo, objeto desejado pela mãe, o neurótico deseja tê-lo. Encontra uma solução da sua falta em *ser* através do *ter*. Do lado masculino, essa passagem traz problemas do que fazer com o que se tem. Do lado feminino, a falta em *ser* e a falta em *ter* trazem como solução “o parecer ser”.

Em termos do gozo, o lado masculino se confronta com um gozo relativo ao falo, com o órgão, numa via fetichista. Aqui o falo causa um certo encobrimento da falta que tem como efeito a dificuldade de amar. Do lado do gozo feminino, este é não-todo, gozo Outro, mais além do falo, numa via erotômana, e a ênfase está em fazer-se amar. Aqui a falta já está de saída, o que facilita ao feminino embrenhar-se no amor. Como esses dois se encontram? São irreconciliáveis, como nos diz Marguerite Duras. O fato é que nunca estiveram conciliados, porém, algo da contingência, do signo, do real, das marcas não completamente decifráveis, fazem com que um encontro possa acontecer. E aí está a grandeza e uma certa *cruieza* do amor.

“[...] o real é mudo, inclusive o saber que comporta” (Miller, 2007)

Por Gustavo Menezes

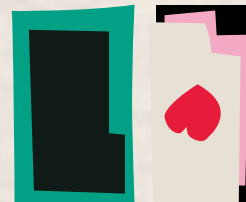
Membro da EBP/AMP

Jacques-Alain Miller³ nos indica que no *ultimíssimo* ensino há uma primazia da escrita sobre a fala. Quanto mais Lacan promove o gozo em seu ensino, mais a referência à comunicação se dissolve. Não há nele reciprocidade, diferente do amor que se prende à verdade mentirosa. Mas como fazer

2 DURAS, M. (1987). A vida material. In: Amores Loucos. Rio de Janeiro: Globo, 1989, p. 36-37.

3 MILLER, J.-A. El *ultimísimo* Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2020, p. 235. Tradução do autor.

CARTAS DE AMOR



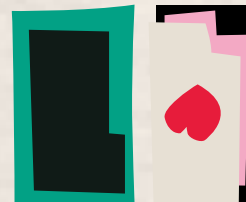
ressoar o silêncio da pulsão, este que se opõe ao inconsciente-intérprete? Os testemunhos dos AEs podem nos ajudar.

Victoria Horne Reinoso relata como chegou a um significante novo, *murmúrio*, o qual já não tinha nenhum impacto de sentido, mas que levou um tempo para que ela consentisse “no ato conclusivo passando pelo que, em [seu] corpo, fazia acontecimento”⁴. Ela diz que foi uma experiência infamiliar, índice do que esse significante novo sinalizava: a sensação de que não mais pertencia àquele lugar, e que produziu um efeito no corpo uma vez realizada a separação. Ser a filha amada que recebia todas as palavras do pai perde lugar com a chegada da irmã mais nova. Na cena infantil, tenta esmagar a mão da pequena irmã com seu sapato e é imediatamente retida por uma palmada e pelo olhar silencioso do pai. Assim, “a dimensão pulsional do silêncio reprovador do pai vem quebrar a tela de amor da canção”⁵ e ressoa o ponto de indizível da experiência vivida. Ao longo da vida, sua demanda oral por palavras que pudessem recobrir o silêncio, juntamente ao sintoma fóbico, visavam remediar a angústia. O *murmúrio* é a “matéria sonora, rastro de fala habitado pelo silêncio, constatação do impossível de dizer”⁶.

4 REINOSO, V. H. O impacto de um silêncio. In: Correio.: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo: EBP, n.87, abr. 2022, p. 127.

5 Idem, p. 129.

6 Idem, p. 130.



O AMOR ESTÁ NO AR

parcerIA

Gabriela Malvezzi do Amaral

Associada ao CLIN-a

Niraldo de Oliveira Santos

Membro da EBP/AMP

Participantes da Comissão de Artes das XIII

Jornadas da EBP-SP

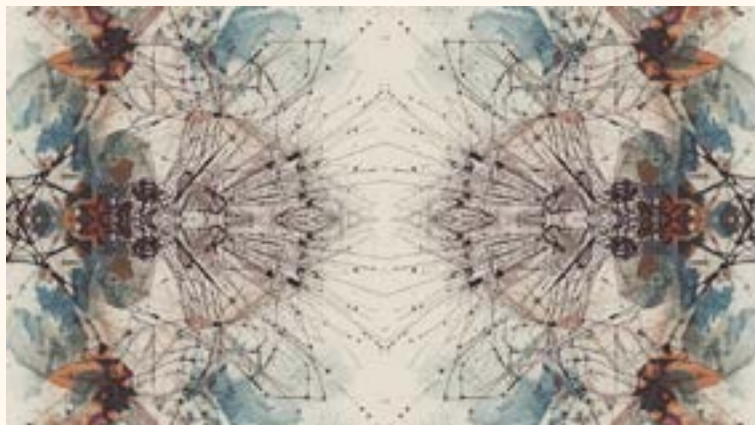


IMAGEM: “ALUCINAÇÃO SEM ESPELHO”, IMAGEM GERADA PELO CANVA IA A PARTIR DE PROMPT CRIADO PELO CHATGPT, COM BASE EM ELEMENTOS DO TEXTO

Notícias sobre obras de arte produzidas com inteligência artificial suscitam, no campo da cultura, inquietações legítimas sobre autoria, criatividade e ameaça de substituição. Pelo olhar da psicanálise, consideramos que a parceria com a IA envolve uma opacidade que os tempos de hoje nos convocam a escutar. “O sentido da máquina, para todos vocês, está mudando agora completamente”¹. As máquinas mais complicadas são feitas apenas com falas – e há uma mutação da função delas em curso, advertia Lacan já em 1954. Tomamos a parceria no campo artístico como testemunha privilegiada de uma nova forma de partilhar o impossível do gozo. O que se produz quando artista e máquina se enlaçam em um jogo que nenhum dos dois domina? Em que consiste jogar com uma máquina²?

Percorremos obras e falas de artistas que usam IA em coautoria, como parceria criativa. Encontramos *La Petite Mort*³, em que Pilar Rosado e Joan Fontcuberta treinam algoritmos generativos com retratos de pessoas mortas por causas violentas e de pessoas fotografadas em pleno orgasmo para, em seguida, gerar imagens de rostos inexistentes no instante do orgasmo⁴. A dupla se pergunta se seria possível capturar o gozo, transformar em dados o que toca a vida e a morte e se seres artificiais são capazes de expressar até o máximo êxtase. O fascínio mora no fracasso constitutivo da operação: semblantes que convocam artista, algoritmo e espectador a um jogo inventivo diante do impossível.

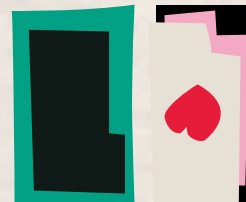
1 LACAN, J. (1954 - 1955). O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 47.

2 Idem, p. 229.

3 Disponível em: <https://pilarrosado.eu/la-petite-mort>

4 Uma apresentação do projeto, feita por Joan Fontcuberta e Pilar Rosado para o Festival Panoràmic, 2020, em Barcelona, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=annRlduC_Lw

CARTAS DE AMOR



Refik Anadol, em *Nature Dreams*⁵, da série *Machine Hallucination*, treina algoritmos com 300 milhões de fotografias da natureza para forjar uma escultura de dados com padrões que só existem na mente da máquina. Para além de mero processamento de imagens, o trabalho parte da interrogação de Anadol: “se uma máquina pode aprender, ela também pode sonhar? Pode ter alucinações?”⁶. Sua IA funciona como parceiro portador de um “inconsciente” que produz devires e devaneios. Não é preciso que ela sonhe: basta que Anadol a tenha como quem sonha para que o espectador contemple “o potencial da IA não apenas de imitar a realidade, mas de imaginar além dela”⁷.

Tal como Lacan concede à fêmea do louva-deus um gozo sobre o qual nada se sabe⁸, o gozo pode ser suposto mesmo onde reina o automatismo maquínico?⁹. Para o *falasser*, não há gozo sem corpo. E o que dizer dessas parcerias com um isso que é puro resto de cálculo, pura insistência repetitiva de iterações de 0 e 1, de onde emergem semblantes de sonho e de excesso? A suposição do *falasser* cria um *comosser*: é do endereçamento ao outro maquínico onde o artista não encontra apenas uma ferramenta, mas um parceiro que faz ressoar a estranheza do autômato, que se produz algo que parece gozar sozinho. Daí o fascínio e a inquietação – partilhar com a máquina um jogo cujo impossível é o próprio gozo.

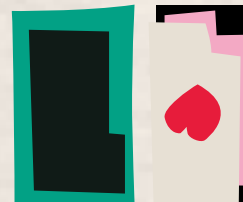
5 Disponível em: <https://refikanadol.com/works/machine-hallucinations-nature-dreams/>

6 Idem

7 Idem

8 LACAN, J. (1960-1961). O Seminário, livro 8: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992, p. 264.

9 Para Miquel Bassols, passamos do “problema clássico derivado do cogito cartesiano – pode uma máquina pensar? (...) ao problema colocado pela nova fórmula: pode uma máquina sentir e gozar de um saber?”. Neste ponto, Bassols retoma os comentários de Lacan, no Seminário 20, acerca da diferença entre um computador pensar e o gozo na aquisição e no exercício do saber, que é uma coisa radicalmente diferente”. In: “Cientificismo e forclusão”. Opção Lacaniana n. 89, dezembro de 2024.



O amor contemporâneo no cinema

Claudio Ivan Bezerra

Associado à Clipp

Participante da Comissão de Site e Divulgação
das XIII Jornadas EBP-SP



IMAGEM: DIVULGAÇÃO IMPRENSA

Estamos debruçados sobre o tema *Jogos do amor, parcerias contemporâneas*, a partir de textos de orientação e das letras das músicas que acompanham as postagens nas divulgações das redes sociais. No entanto nossas atenções também capturam produtos da cultura em suas narrativas e que fazem interlocuções com a Psicanálise.

Para contribuir neste aquecimento trago uma resenha sobre o filme de 2021, recém-chegado à plataforma de streaming Prime: **“A pior pessoa do mundo”**, na qual improviso uma brevíssima articulação a partir das publicações da Comissão de Orientação.

O longa retrata a chegada dos *millenials* à vida adulta. Julie está perto de completar 30 anos. Sua dificuldade na escolha profissional é homóloga as suas parcerias amorosas. A geração mais idealizada da história, que vivenciou a revolução tecnológica, descobre agora um mundo totalmente às avessas do que lhes foi vislumbrado.

O filme tem epílogo, prólogo e está dividido em 12 capítulos, com narrativas fragmentadas um ritmo agrídoce, que chega lembrar o estilo de Woody Allen. Nele, os homens se apaixonam enquanto, Julie vive apenas de desejo. Apresenta uma *crise no estereótipo de feminilidade*,¹ não deseja ser mãe, tampouco quer se casar, mas decide apostar numa relação com Aksel, um homem 10 anos mais velho com aspirações matrimoniais e devoto de Freud. Paradoxalmente, uma relação que inicia após Aksel pôr fim nos seus encontros sexuais.

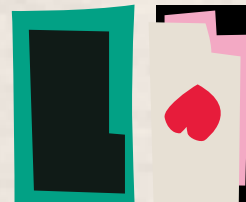
Após completar 30 anos ela vivencia o marasmo da vida a dois, entedia-se. Passa a escrever artigos demonstrando seu cinismo ante o mundo. E decide romper com o parceiro.

A personagem parece carregar um saber sobre o amor no contemporâneo, o impossível de se inscrever a relação sexual². Numa bela cena Julie transcende o tempo de forma lírica, faz existir um

1 LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 51.

2 FREUD, S. (1918). “O tabu da virgindade” Contribuições da vida amorosa – III. In: Amor, sexualidade, feminilidade. Obras incompletas de Sigmund Freud. BH: Autêntica, 2020.

CARTAS DE AMOR



tempo a dois, mas predestinado a fracassar. Sua natureza é contemporânea, passional e hedonista. Somos convidados a passear nesta realidade de forma despojada.

O que o mundo de Julie nos mostra? Se o amor é uma tapeação³ o que fazer quando esse efeito dura menos que o esperado? Diferente das mulheres ancestrais da sua família, Julie não tem dúvidas, troca de objeto de amor a fim de evitar a frustração.

No entanto é preciso de um escape para fugir da realidade humana⁴, um tamponar o tédio do cotidiano, produzir um adormecer etílico e psicodélico ou, ainda, ir de (re)encontro com o novo objeto. O filme traz cenas anacrônicas narrado em terceira pessoa sem se preocupar em dar qualquer tipo de explicação.

O longa norueguês está longe de ser um conto de fadas moderno. Sua tônica é despretensiosa, honesta e sem qualquer tipo de moralismo. Encerra com Bossa Nova, escolhida a dedo: “É pau, é pedra, é o fim do caminho...”⁵ a imagem de um novo cotidiano: manter-se sozinha.

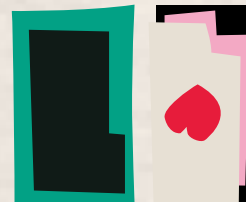
Se Julie fez “suas escolhas de objeto visando harmonizar suas exigências da realidade com sua fantasia”⁶, cabe-nos questionar se haveria um novo estatuto ou estaríamos diante de um amor mais breve, menos idealizado?

3 LACAN, J. (1964). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 239.

4 FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: Obras completas, volume 17: Inibição e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 86-87.

5 “Águas de Março” composição de Tom Jobim, lançada em 1972 no álbum “Elis”, de Elis Regina.

6 GROSTEIN. Sandra. Jogos de amor, parcerias contemporâneas. Disponível em <<https://ebp.org.br/sp/jornadas/xiii-jornadas-jogos-do-amor-parcerias-contemporaneas/argumento/>>. Acesso em 31 ago. 2025.



CORREIO ELEGANTE

Um dia qualquer na
avenida paulista... Um
(des)encontro

Jefferson Nascimento

Participante da Comissão de Festas das XIII

Jornadas da EBP-SP.

Participante da Nova Política da Juventude

2023/2025



IMAGEM: PAULISTA - PIXABAY.COM

Imaginemos a cena: uma tarde de domingo, a Avenida Paulista fechada para os carros e aberta para os passantes. Entre ciclistas, vendedores de pipoca e manifestantes ocasionais, algo insólito acontece: um encontro improvável. Lacan, Rita Lee e o rapper Criolo se encontram em um bar de esquina. Lacan poderia abrir a conversa lembrando que “não há relação sexual”¹, explicando que não no sentido biológico, mas na impossibilidade de uma fórmula universal que dê conta daquilo que se passa entre os sexos. Rita, talvez se espreguiçando na cadeira, retrucaria com um sorriso: “Amor é um livro, sexo é esporte”². Criolo, em tom grave, completaria: “Não existe amor... em SP”³. Eis aí o trio afinado no desencontro que o amor sempre implica. Ali estão, lado a lado, figuras que, cada um a seu modo, colocaram em palavras – ora densas, ora poéticas – a difícil arte do amor. Freud⁴ antecipou que amar é colocar o objeto no lugar do Ideal do Eu, operação que carrega em si tanto fascínio quanto perda. Ao escrever que o objeto é amado porque corresponde ao Ideal do Eu de quem ama, temos notícia de que se ama no objeto aquilo que se gostaria de ser. Essa colocação do objeto no lugar do Ideal do Eu é uma forma de alienação: o sujeito se vê no outro, ama o que gostaria de ser e, ao fazê-lo, desloca parte de si. O fascínio vem da identificação; a perda, da renúncia ao próprio narcisismo. Em outras palavras, ao amarmos deixamos de ser o centro do nosso mundo – e isso tem efeitos, por vezes dolorosos. O amor, então, é sempre uma operação de deslocamento e, justamente por isso, vulnerável ao desencontro.

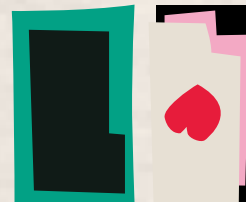
1 LACAN, J. (1971-1972). ...ou pior. In: Outros escritos. Rio de Janeiro, Zahar, 2003. p.546.

2 LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de; JABOR, Arnaldo. Amor e sexo. [S. l.]: EMI Music, 2003. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/333v4s9EybUEFOY6ComIC2>. Acesso em: 20 set. 2025.

3 CRIOLO. Não existe amor em SP. In: Nó na Orelha [Spotify]. São Paulo: Oloko Records, 2011. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0PfevkndCPU>. Acesso em: 20 set. 2025.

4 FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1976. v. 18.

CARTAS DE AMOR



Lacan retoma e radicaliza parte da ideia freudiana, ao afirmar que o amor é uma suplência à impossibilidade da relação sexual. O sujeito, dividido entre o eu ideal e o Ideal do Eu, busca no outro uma completude que não existe. O amor é, portanto, uma tentativa de costurar essa divisão – mas trata-se de uma costura sempre falha. Essa lógica se expressa de modo contundente na célebre sentença: “o amor é dar o que não se tem”⁵.

Miller⁶ nos mostra que o amor é uma invenção subjetiva diante da impossibilidade de uma relação que se escreva. Ele é “solução” para o não-relacionamento sexual, suplência, uma ficção necessária. Mas não se trata de ilusão banal: é uma estrutura simbólica que permite ao sujeito lidar com o real do gozo, com o impossível da relação. O amor, nesse sentido, pode funcionar como uma resposta criativa – e singular – à falta de garantias no campo do Outro.

Desse encontro, nada improvável na Paulista de domingo, podemos extrair alguns ensinamentos. Se o amor é suplência – como nos ensina Lacan e sublinha Miller – Rita Lee já o intuía em sua irreverência pop. Em *Amor e Sexo*, ela não opõe os dois termos, mas os apresenta como estratégias distintas para lidar com o real que escapa à linguagem. Entre o gozo imediato do corpo e a promessa idealizada de eternidade amorosa, há sempre uma “descompassagem”, um desencontro de tempos e sentidos. Rita não busca resolver esse descompasso – ela o celebra. Com humor e ironia, transforma o tropeço em refrão. Não se trata de negar o impasse, mas de dar-lhe forma, ritmo e voz. Cantá-lo, afinal, é uma maneira de suportá-lo. Criolo, por sua vez, radicaliza no registro da denúncia: em sua canção-manifesto *Não existe amor em SP*, aponta que o amor se tornou rarefeito, atravessado pela violência, pela pressa, pelo cinismo urbano. O que ele canta é o sintoma de um tempo e de uma cidade em que a promessa de parceria se dissolve em isolamento e sobrevivência.

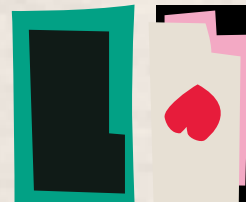
É curioso que tanto Rita quanto Criolo apontem, em registros tão diferentes, para a mesma estrutura que Lacan formalizou. Se Rita joga com a dissonância entre amor e sexo, Criolo expõe a impossibilidade do amor pleno na cidade contemporânea. Cada um, à sua maneira, encarna a máxima lacaniana que nos atravessa nestas Jornadas: o amor não é completude, é fenda – e é justamente aí que ele pulsa. E como todo desencontro, ele pede arranjos.

Voltemos à Paulista. Nesse encontro-ficção, o que estaria em jogo? Talvez um convite a escutar como cada um, a seu próprio modo, dá corpo a essa impossibilidade. Lacan com sua escrita nodal, Rita com sua ironia libertária, Criolo com seu rap-crônica. Três estilos que apontam para a mesma cena: o amor, longe de ser uma harmonia entre almas, é sempre trabalho, invenção, suplência. Eis aí a festa: não a da ilusão de um encaixe perfeito, mas a do reconhecimento de que o amor é feito de tropeços, mal-entendidos e criações singulares. A festa acontece quando aceitamos que o desencon-

5 LACAN, J. (1960–1961). O seminário, livro 8: A transferência. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 49.

6 MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. Salvador: Biblioteca Agente, 1998. p. 131.

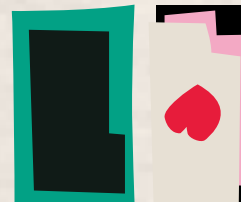
CARTAS DE AMOR



tro não é falha, mas condição. Entre uma guitarra elétrica e uma batida de rap, poderíamos sorrir e pensar: “Pois é, meus caros, é justamente aí que o amor acontece”.

Não há fórmula para o amor – mas há canções, discursos e encontros que nos ensinam a brincar com sua impossibilidade. E é com esse espírito que convidamos você para celebrar conosco, na festa das Jornadas: “O jogo é livre. As regras você escolhe!” no dia 01/11/2025, às 21h, na Oca Tupiniquim. Vamos lá?

CARTAS DE AMOR



AMAR É...



IGOR OMILAEV-UNSPLASH.COM

“[...] um elo.

Entre o azul e o amarelo”. *

* LEMINSKI, Paulo. La vie em close. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 126.

XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM

CARTAS DE AMOR

Diretoria da EBP - Seção São Paulo: Diretoria Geral: Veridiana Marucio | Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbios: Mirmila Musse | Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral das XIII Jornadas: Marilsa Basso

Comissão do Boletim: Milena Vicari Crastelo (Coordenação), Eduardo Vallejos da Rocha, Francisco Durante, James Valeriano, Laura Mansin, Maria Célia R. Kato, Rosângela C. Turim, Valéria Ferranti

Designer: Bruno Senna